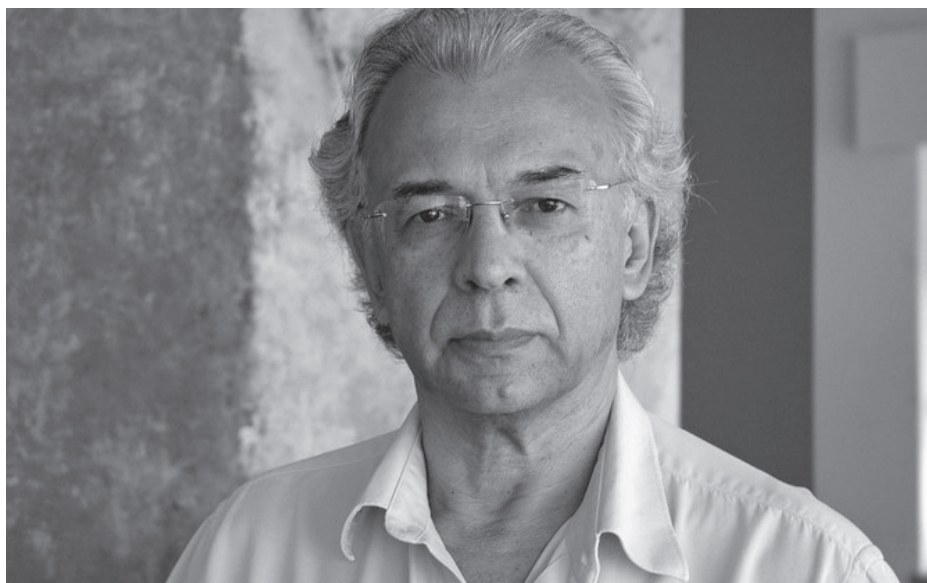


Diálogo com Renato Ortiz sobre Sociedade, Democracia e Arte

Dialogue with Renato Ortiz about Society,
Democracy and Art

Os recentes acontecimentos nas artes em nossa sociedade mostram de modo específico o que pretendemos apresentar nesta entrevista. Busca-se entender a sociedade e a natureza das ações que fazem parte de uma complexidade do conhecimento ao longo do desenvolvimento da técnica, da arte de criar e produzir as características sensíveis de uma produção cultural que estabelece critérios éticos e estéticos à nossa sociedade. Renato Ortiz, em suas respostas, nos apresenta seu ponto de vista acerca desse sentido da arte, que é entendido com frequência apenas por um restrito público de interessados ou iniciados no mundo das artes, mas que de forma geral, todos nós fazemos parte.



DIANA HELENA
DE BENEDETTO
POZZI, CHRISTIANE
WAGNER, PRIM AVERA
BORELLI, SÔNIA
PENIN, WALDENYR
CALDAS, MICHEL SITNIK
E ANDRÉ AKAMINE

Universidade de São Paulo.
Pró-Reitoria de Cultura e
Extensão Universitária, São
Paulo/SP, Brasil

Michel Sitnik – *Gostaria de iniciar pedindo uma breve introdução que definisse o conceito de arte. O que pode ser considerado arte, o que não pode, quais critérios poderiam ser estabelecidos objetivamente para os leigos na área?*

Prof. Dr. Renato Ortiz – Os sociólogos nos ensinam que o mundo da arte não se restringe à sua definição ideal ou como diz Howard Becker, é preciso compreender as diversas categorias de atores que cooperam entre si para chegar-se à compreensão do que se entende por arte. O campo da arte é formado por diferentes indivíduos e instituições, da interação entre eles resulta o dinamismo deste universo específico: artistas, marchands, colecionadores, museus, Estado, galerias, empresas de leilão, críticos. Neste sentido, uma definição preliminar do conceito seria a meu ver um exercício de pouca utilidade, importa entender o sentido da “configuração” arte, qual o seu significado. Não se trata de um julgamento subjetivo em contraposição ao objetivo. A questão não é esta, mas entender que nossa compreensão do universo da arte não é estática, varia em função do tempo e dos atores que atuam nesse universo. Há pontos de partida, por exemplo, a ideia e o ideal da autonomia, entretanto, há também mudanças. O ideal artístico do século XIX, penso nos escritos de Baudelaire, dificilmente se realizaria na contemporaneidade.

Diana Pozzi – *Considerando o papel que a arte pode ter atualmente dentro de uma sociedade: A arte seria tão somente um retrato da sociedade? Qual a importância da arte na educação e na formação da sociedade? Qual a influência da tecnologia e do capital na produção artística massificada e na sua qualidade? Seria positiva ou negativa?*

Prof. Dr. Renato Ortiz – São perguntas distintas. Dizer que a arte é retrato da sociedade é de certa forma um reducionismo, o retrato é sempre uma figura estática. Claro que a arte insere-se e “representa” o contexto de uma época, mas representação

não é retrato. Enquanto representação ela “fala” das coisas do mundo, mas sua linguagem não se encontra no mundo, isto é, a maneira de utilizá-la faz parte desta esfera distinta que denominamos de arte. Se não houvesse uma distância entre a arte e o mundo, a arte não existiria. Sem sombra de dúvidas tecnologia e capital incidem sobre o campo artístico. Mas as implicações são diferentes. A tecnologia é um meio, será utilizada de maneira distinta em função da habilidade e da intenção estética do artista. Pode ser uma tecnologia virtual ou o artesanato mais tradicional. Entre ela e o objeto final há um mediador, o artista. No caso do capital, temos uma dimensão que agora faz parte da “estrutura interna” do mundo da arte. A criação passa, assim, a ser modelada por forças de interesse econômico. Quando se analisa o mercado global de artes plásticas, percebe-se a importância da dimensão financeira e econômica. Este é o caso das grandes firmas que controlam o mercado das obras contemporâneas, tipo Christie’s e Sotheby’s, e dos grandes colecionadores, os super-ricos do planeta.

Sonia Penin – *O que você diria aos professores das escolas brasileiras, de diferentes espaços sociais, para desenvolver a fruição estética e suscitar a essência do processo criador em seus alunos?*

Prof. Dr. Renato Ortiz – Retomo parte da pergunta anterior. A esfera da arte tem uma peculiaridade, ela se “insurge” contra o mundo. Com isso quero dizer, ela tem a capacidade de romper com a vida quotidiana, o que se encontra naturalizado nas regras sociais. Eu diria que esse é o seu encantamento. Digo isso de maneira ideal, pois sei que os constrangimentos externos existem: mercado, gale-ristas, leilões, etc. Creio que a escola deveria privilegiar esse aspecto, ensinar aos alunos que é possível ver a realidade de outra forma. O processo criativo supõe uma certa insatisfação com as coisas, com as verdades estabelecidas. O universo da arte não é o único espaço onde a criação se realiza, porém,

se falamos em criatividade, a dimensão da ruptura necessariamente deve estar presente.

Christiane Wagner – *Na contemporaneidade, a relação arte e sociedade como valor cultural para o progresso de ordem política correspondem ao ideal democrático. Nesse sentido, o ideal de igualdade é entendido pelo desejo de se adquirir o direito à expressão. Contudo, pode-se dizer que esse significado geral estabelecido de democracia na sua história sociopolítica teve muitos sentidos, pelos diversos contextos de suas práticas. Mas, especificamente, para as realizações artísticas e culturais caracterizadas como realidade social brasileira, na atualidade, na medida em que se enfatiza o sentido específico da noção de liberdade, vão aqui minhas duas perguntas: Qual sua opinião sobre os ideais democráticos de expressão na arte contemporânea? E, no cenário internacional, considerando ética e esteticamente as novas tecnologias de comunicação com finalidade de produção, difusão, práticas artísticas e culturais, diante de uma tecno-cultura padronizada e da diversidade cultural, como abordar as funções da arte para a representatividade das minorias em relação à realidade social brasileira?*

Prof. Dr. Renato Ortiz – Arte e democracia. A pergunta é capciosa, difícil de ser respondida a contento. Não estou seguro que exista uma relação de causalidade entre arte e democracia. Para evitar mal entendidos, digo de saída, a democracia como um ideal é fundamental para a existência das sociedades contemporâneas. Trata-se de uma luta permanente em torno de sua realização e de seu aperfeiçoamento. Mas não creio que exista, ou deva existir, como um valor, uma relação direta entre arte e política. Caso isso fosse verdadeiro, a dimensão artística seria equivalente às coisas da política (um pouco como faz o “politicamente correto”). Dou um exemplo. Os filmes de Eisenstein são belíssimos, mas foram produzidos dentro do contexto do estalinismo soviético. Como é possível eles serem belos? O exemplo sugere a

O UNIVERSO DA ARTE NÃO É O ÚNICO ESPAÇO ONDE A CRIAÇÃO SE REALIZA, PORÉM, SE FALAMOS EM CRIATIVIDADE, A DIMENSÃO DA RUPTURA NECESSARIAMENTE DEVE ESTAR PRESENTE.

existência de um hiato entre arte e política. Não estou dizendo que ela não possui implicações de caráter político. Isso é evidente. Basta lermos sobre a história das vanguardas. Entretanto, não se pode abolir o hiato. As minorias ocupam um lugar subalterno em nossa sociedade, este é o foco do conflito, a disputa e a negação da subalternidade. Qual seria a relação entre tal condição e a arte? Creio que se pode dizer que talvez existam, pelo menos, duas alternativas. A primeira é exprimir através da linguagem artística a subalternidade vivida. Neste sentido, apropria-se de determinados elementos artísticos para representar as contradições sociais de um grupo específico. Mas uma segunda perspectiva é possível: expressar através do olhar minoritários os dilemas da condição humana.

Primavera Borelli – *Frente aos últimos acontecimentos (MBL pressionando e conseguindo, o cancelamento da exposição patrocinada pelo Santander-Cultural, cancelamento de apresentações teatrais, “cobertura” de imagens em museus), pergunto se foram episódios isolados e restritos a alguns grupos ou isso sinaliza um retrocesso mais amplo em nossa sociedade da liberdade de expressão artística?*

Prof. Dr. Renato Ortiz – A pergunta possui duas faces: política e arte. Não é necessário ser PhD em ciência política para entender que a situação recente é fruto de uma ruptura democrática: o impeachment da presidente Dilma. Dentro do contexto da luta política todas as armas foram utilizadas nessa direção. Difícilmente o cancelamento da exposição patrocinada pelo Santander Cultural teria sido feito há uns 4 anos atrás (por isso ficamos surpresos com os fatos desta natureza, não estávamos habituados a isso). Se o fato é novo é porque as circunstâncias são novas. Entretanto, não creio que isso seja apenas algo conjuntural. As forças conservadoras da sociedade brasileira sempre existiram, mas estavam adormecidas, como no retrato de Dorian Gray (sugiro a leitura de um

pequeno texto meu, com este título, publicado no site Nocaute). O universo da arte sempre foi sensível às críticas, particularmente as conservadoras. O que estamos assistindo é um processo de afirmação pública desta dimensão de intolerância. Se a arte é, de alguma maneira, uma ruptura, insatisfação e insubordinação em relação ao status quo, ela infringe necessariamente o conformismo social. Neste sentido, as atitudes de repúdio e censuras vieram para ficar, fazem parte de um legado que exprime nossa condição de cretinice.

Waldenyr Caldas – *Os críticos de arte, com raríssimas exceções, fazem suas análises sobre a obra de arte apresentando argumentos completamente inócuos e muitas vezes sem nada dizer. O que se percebe na maioria das vezes é um confuso jogo de palavras com pretensa erudição, mas na verdade tudo o que foi dito redundava em vazio. Algumas vezes esses argumentos nos fazem lembrar os sofistas tão criticados por Platão e Aristóteles, por usarem a linguagem fática e sem sentido. Em que esses cidadãos poderiam contribuir com a Educação pela arte?*

Prof. Dr. Renato Ortiz – Para entender os críticos de arte é preciso situá-los no interior do mundo artístico. Os críticos constituem um dos pólos de interação, ao lado de vários outros, do que se define como arte. Eles são atores do que Bourdieu chamaria de: o campo da arte. Mas vivem uma certa ambigüidade, devem escrever para um público mais amplo, sem se afastar do lugar específico que lhes confere legitimidade. O palavreado “inócuo” é, na verdade, o sinal explícito de que pertencem a “outro mundo”. No fundo, seus interlocutores prediletos são os artistas, os galeristas, os historiadores da arte, etc. O hermetismo é o emblema desse pertencimento.

André Akamine e Michel Sitnik – *Diante das posturas públicas recentes com relação às manifestações artísticas de rua, as discussões a respeito da definição de arte e os limites da mesma, que muitas vezes*

se limitavam ao ambiente acadêmico, retornaram à mesa de jantar. Tendo isso em mente: cabe a quem, e com que tipo de critérios, determinar as fronteiras entre arte de rua e vandalismo, já que ao longo da história arte foi criada dentro e fora da academia, a partir de diferentes vivências e poéticas?

Prof. Dr. Renato Ortiz – Alguns autores utilizam o conceito de artificação para compreender a expansão do universo da arte para outros setores que antes não eram contemplados por suas fronteiras. Artificação seria: o processo pelo qual algo (um objeto ou uma prática) que não era arte transforma-se em arte. Exemplos: hip-hop, grafitti, histórias tipo mangá. O interessante na ideia de artificação é que ela pressupõe dois movimentos: a) a afirmação da noção de arte; b) a ampliação de suas fronteiras. Isso significa que a ideia de arte, longe de desaparecer, é reforçada. Os artistas de rua consideram-se artistas, querem ser reconhecidos enquanto tal. Reivindicam o mesmo estatuto que seus “pares”. Entretanto, o campo de sua atuação já não se circunscreve mais ao espaço clássico ao qual a arte estava confinada. As controvérsias dizem respeito a essa expansão das fronteiras. A rigor, não se trata de um fenômeno inteiramente novo, embora, atualmente, sua amplitude seja realmente incomparável em relação ao passado (daí a emergência da noção de artificação). Mas basta olharmos para a relação entre fotografia e arte no século XIX para compreendermos uma parte desta controvérsia. A fotografia não era considerada uma arte, mas sim, uma técnica. É somente ao longo do século XX que, aos poucos, ela conquista sua legitimidade.

SE A ARTE É, DE ALGUMA MANEIRA, UMA RUPTURA, INSATISFAÇÃO E INSUBORDINAÇÃO EM RELAÇÃO AO STATUS QUO, ELA INFRINGE NECESSARIAMENTE O CONFORMISMO SOCIAL

RENATO ORTIZ professor titular da Universidade estadual de Campinas e possui alguns livros publicados: "Cultura brasileira e identidade nacional"; "A moderna tradição brasileira"; "Mundialização e cultura" e entre outros.

DIANA HELENA DE BENEDETTO professora associada da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e editora responsável da Revista de Cultura e Extensão USP.

CHRISTIANE WAGNER professora de Ciências da Comunicação e Estética do Instituto de Artes da Universidade de Campinas, (IA-UNICAMP) e editora associada da Revista de Cultura e Extensão USP.

SÔNIA PENIN professora Titular do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Universidade de São Paulo e editora associada da Revista de Cultura e Extensão USP.

WALDENYR CALDAS professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e editor associado da Revista de Cultura e Extensão USP.

PRIMAVERA BORELLI professora titular da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo (FCF-USP) e editora associada da Revista de Cultura e Extensão USP.

MICHEL SITNIK jornalista e radialista, chefe da divisão de comunicação institucional da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP e jornalista responsável da Revista de Cultura e Extensão USP.

ANDRÉ AKAMINE graduando do curso de Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e responsável pela editoração eletrônica deste volume.